

**SAUTCHUK, I. (2017): PERCA O MEDO DE ESCREVER:
DA FRASE AO TEXTO**

Anne Caroline de Moraes Santos (UVA e FACHA)
annemorais17@hotmail.com

Graziela Borguignon Mota (UVA e UFF)
borguignon.graziela@gmail.com



SAUTCHUK, Inez. *Perca o medo de escrever: da frase ao texto*. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

R\$66,99

<https://www.amazon.com.br/Perca-Medo-Escrever-Frase-Texto/dp/8502133314>

O título desse livro pode remeter a mais um manual de ensino da língua portuguesa, publicado no Brasil anualmente. Inez Sautchuk, doutora em Filologia e Língua Portuguesa (USP), no entanto, desenvolve uma obra diferente, uma obra que se propõe a auxiliar seus leitores a “produzir textos”, como ela mesma indica logo na Introdução, e não “redações”. Segundo a autora, “no mundo real (diário, empresarial, profissional), não se escrevem ‘redações’; é necessário que se ‘produzam textos’. Textos dos mais diferentes tipos e que atendam às mais diversas necessidades e cumpram os mais diversos objetivos” (SAUTCHUK, 2017, p. XVII). Essa concepção se aproxima com o pensamento de estudiosas como Irlandé Antunes, Maria Helena de Moura Neves e Ingedore Koch. Antunes (2009) deixa explícita sua crítica:

É lamentável que o trabalho da escola ainda obscureça esses aspectos contidos na complexidade dos fatos linguísticos. De fato, o trabalho da escola, [...] tem deixado de fora a exploração dos sentidos, das intenções, das implicações socioculturais so uso da língua. Tem deixado de fora, sobretudo, o papel das atuações verbais na condução da própria história das pessoas e dos mundos que elas constroem e habitam. (ANTUNES, 2009, p. 30)

Essa forma como os manuais de redação abordam a produção de textos, como a escola ainda reproduz aulas cuja ênfase são nomenclaturas e a análise sintática de frases soltas, geram medo em vestibulandos que

aprendem, para participar do Enem, um modelo de redação que jamais usarão em suas práticas cotidianas, sejam elas formais ou informais. A tenta a esse medo, Inez Sautchuk cria essa obra, com objetivo de levar seu leitor a refletir sobre a linguagem, a entender para que servem as regras e não apenas decorá-las. E isso a autora consegue fazer neste livro.

Em uma conversa com o leitor, marcada pelo uso de pronomes em terceira pessoa para estabelecer uma relação próxima (“toda vez que **voce** vai escrever alguma coisa para alguém (...)”), Sautchuk divide sua obra em 6 capítulos.

No primeiro, ela trata da noção de texto. Tal noção segue o entendimento da Linguística Textual, que vê o texto como unidade dos estudos linguísticos: a frase deixa de ser a unidade para dar lugar ao texto. Vale destacar o caminho percorrido pelos estudos da linguística do texto que, segundo Marcuschi, não foi homogêneo, pelo contrário, dividiu-se em três fases:

[...] em um primeiro momento, o interesse predominante voltava-se para a análise transfrástica, ou seja, para fenômenos que não conseguiam ser explicados pelas teorias sintáticas e/ou pelas teorias semânticas que ficassem limitadas ao nível da frase; em um segundo momento, com a euforia provocada pelo sucesso da gramática gerativa, postulou-se a descrição da competência textual do falante [...]; em um terceiro momento, o texto passa a ser estudado dentro de seu contexto de produção e a ser compreendido não como um produto acabado, mas como um processo, resultado de operações comunicativas e processos linguísticos em situações sociocomunicativas; parte-se, assim, para a elaboração de uma teoria do texto. (BENTES; MUSSALIM, 2012, p. 263)

Seguindo o terceiro momento, Sautchuk (2017, p. 3) afirma ser o texto a base da comunicação verbal, oral ou escrita: “toda unidade de comunicação escrita, elaborada por alguém, enviada para outro que transmita uma mensagem para esse outro é texto”. Em sua obra, ela chama seu leitor para refletir sobre essas unidades, no entanto, vale mencionar que, em muitos exercícios, a autora traz trechos de texto ou frases para que o leitor reconstrua-os descontextualizados do texto. Nesse momento, a construção da obra se afasta dos estudos linguísticos com base no texto como unidade.

No segundo capítulo, intitulado “O que é clareza”, o foco é a construção sintática das frases sejam elas formadas por períodos simples ou compostos; a ordem direta da frase, as intercalações de orações e a pontuação. Tudo isso para levar o leitor a refletir sobre o uso da pontuação. A intenção da autora é mostrar a importância do emprego da vírgula

e de outros sinais de pontuação para a clareza e para a boa construção de suas frases. Para ela, “antes de verificar os ‘erros de português’ no seu texto, observe se suas frases estão bem construídas (...)”. E continua: “Para aprender a construir boas frases, basta deixar de fazer análise sintática de uma maneira mecânica, apenas dando nome a um termo grifado, e utilizá-la para conferir se realmente está sendo claro ao escrever” (SAUTCHUK, 2017, p. 17).

No terceiro capítulo, além de continuar a abordar as construções fráscas, a autora trata de problemas de concisão e objetividade, como o desvio do assunto a ser desenvolvido no texto, a repetição de palavras desnecessárias, o abuso de gerundismo, o uso de frases fragmentadas e frases interrompidas, os problemas com paralelismo sintático entre outros elementos. A partir da análise de textos do cotidiano, como avisos no mural do trabalho, Sautchuk demonstra como a concisão está diretamente relacionada a “sacrificar o supérfluo a favor do essencial”. Isso leva ao que é base da teoria da argumentação de autores como Perlmann e Odbrecht-Tyteca sobre a importância de se manter a atenção do auditório. No caso do texto escrito, essa atenção é necessária para que se alcance os objetivos do ato comunicativo. Um texto repleto de repetições e ideias supérfluas afetaria, portanto, esse objetivo.

O quarto capítulo dá ênfase ao estudo dos tipos e gêneros textuais. A autora divide a composição do texto em três níveis. Aqui ela resgata mais uma vez conceitos da Linguística Textual. O primeiro nível seria o linguístico, ou microestrutura, de acordo com a Linguística Textual; o segundo seria o nível do conteúdo, ou macroestrutura; e o terceiro, representa o formato padrão do texto, ou da superestrutura. Esse último nível estaria ligado, portanto, ao estudos dos gêneros textuais e sua importância para o ato comunicativo. Falar em produção de textos em diferentes cenários e não tocar na relação entre esses níveis, dando espaço para o diálogo sobre os gêneros, seria deixar de lado uma das bases para boas práticas discursivas.

O capítulo cinco desenvolve o primeiro nível, o da microestrutura, dando ênfase à coesão e à coerência textuais. Intertextualidade e uso de figuras de linguagem também são explorados, nesses casos, por meio de exemplos práticos que denotam os efeitos de sentidos desses recursos para a clareza do texto. O último capítulo trata da correção do texto, com ênfase em questões de concordância entre outras dúvidas mais gerais no que toca à gramática normativa. Vale destacar que a obra vem com gabarito, o que ajuda os leitores na análise de suas respostas.

Inez Sautchuk se compromete a desenvolver uma obra que dá apoio didático a professores e estudantes no desenvolvimento de exercícios e atividades acadêmicas; para aqueles, e para estes, material de qualidade por meio do qual podem estudar e refletir sobre o uso da língua em seus diferentes níveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012. (V.1.)

ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2009.